

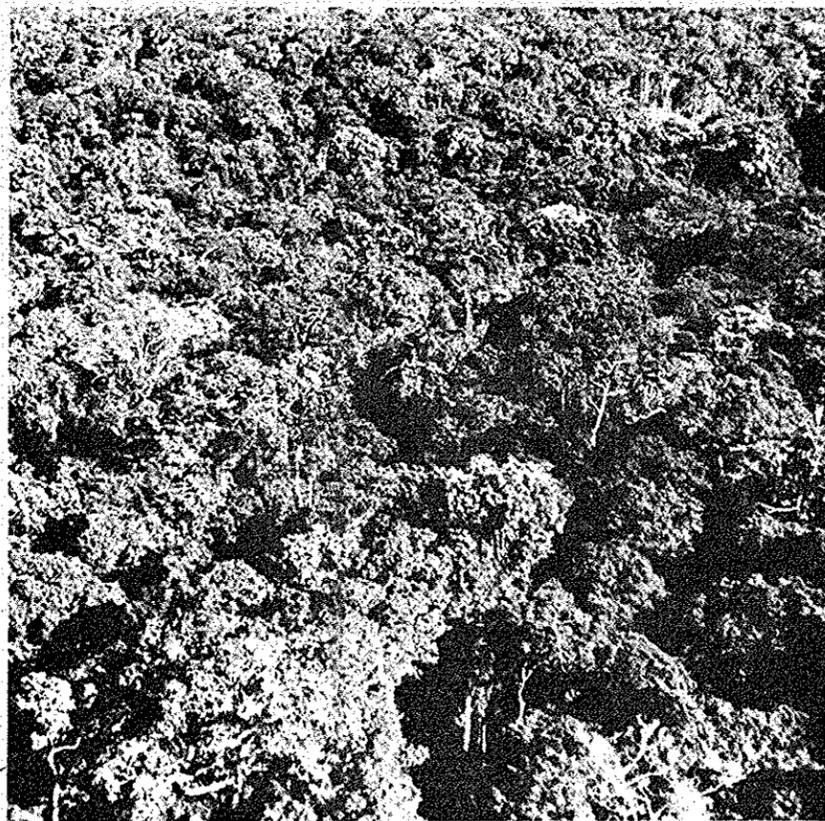
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: ESP

Class.: Monjo / 17

Data: 03/07/1989

Pg.: AMC 0001



Warwick Estevam Kerr, ex-diretor do Inpa, diz que o governo só está errando com seus projetos de ocupação da Amazônia. Por isso, faz algumas sugestões: ao invés de vender terras, o governo deveria arrendá-las por tempo determinado, as fazendas não deveriam ser totalmente desmatadas, e para evitar o minifúndio, as áreas cultiváveis não deveriam ter menos de 200 hectares.

ESP 1.7.79

Amazônia: quem ouve esses cientistas?

Se dependesse de dois dos mais importantes cientistas da Amazônia, a política de ocupação da região teria de ser inteiramente reformulada. O ecólogo Herbert Schubart, carioca, 38 anos, e o geneticista Warwick Estevam Kerr, paulista, 57 anos, ex-diretor do Inpa — Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia —, consideram uma agressão à natureza as principais atividades econômicas que se estão implantando na região amazônica, sob o aval do governo federal, que dá incentivo e isenções a esses empreendimentos, além de investir grandes somas na montagem da infra-estrutura necessária àquelas atividades.

Com alguma melancolia, os dois cientistas — e grande parte dos que trabalham no Inpa — constatarem que o resultado de suas pesquisas não são utilizados nas políticas oficiais de desenvolvimento regional, havendo uma distância entre o conhecimento científico e as práticas econômicas. "A intenção das nossas pesquisas — diz Herbert Schubart, chefe do Departamento de Ecologia do Inpa —, é a de melhorar as condições de vida das populações locais. O modelo agropecuário da Sudam, por exemplo, visa a exportação para assim melhorar o balanço de pagamento do País. Mas para a Amazônia isso interessa pouco. E os efeitos têm sido negativos: multiplicam-se os problemas de posse de terras, o dinheiro flui para outras regiões e a devastação vai atingindo áreas cada vez maiores. Nós, por nosso lado, estamos preocupados com um modelo de colonização que, em primeiro lugar, melhore as condições locais."

No desenvolvimento agropecuário da Amazônia — acrescenta Schubart — "têm sido observados toda sorte de descalabros na exploração dos recursos naturais da região. Nota-se grande falta de sensibilidade perante a natureza e seus princípios mais elementares de

funcionamento". Ele reconhece que toda atividade humana de utilização de recursos naturais agrícolas "represente um rompimento de estrutura ecológica da floresta" e, por isso, não pensa em "combater todo o progresso econômico regional", mas está preocupado em "harmonizar esse desenvolvimento com as potencialidades e limitações naturais de modo a minimizar os prejuízos ao meio-ambiente".

Mas o "padrão pionero" de ocupação da Amazônia, através da simples derrubada da floresta em extensões consideráveis, sem respeito pelas encostas e cursos d'água e com pouco investimento na sustentação das culturas, têm provocado "alguns problemas agronômicos e ambientais muito sérios". Ele cita a "desconsideração total do ciclo de nutrientes", fazendo com que o solo, pobre, torne-se incapaz de manter uma produtividade adequada das gramíneas. Outro problema, segundo Schubart, é a compactação do solo após o desmatamento. "Isso traz como consequência uma redução da taxa de infiltração da água no solo, fazendo com que a água das chuvas, ao invés de ser absorvida pelo solo e ser mantida mais tempo no sistema local, escorra pela superfície, provocando a erosão".

A erosão em geral, diz ainda Schubart, escapa ao controle nessas áreas. "Os grandes desmatamentos não se orientam pela topografia do terreno, como preconiza o Código Florestal Brasileiro. Uma vez removida a floresta das encostas e das margens dos igarapés, nada se pode fazer, economicamente, para se proteger o solo e os cursos d'água. Quanto mais extensa a área desmatada, mais difícil se torna o controle."

A floresta amazônica — lembra Herbert Schubart — é um enorme reservatório de gás carbônico. "Se nós começarmos a queimar e transformar toda essa matéria orgânica em gás carbônico, o teor desse gás vai aumentar na

atmosfera. Ora, o teor de gás carbônico já vem aumentando, principalmente em razão da queima de petróleo. Se for queimada a floresta, essa tendência vai acentuar-se ainda mais. E as alterações sobre o clima do planeta são ainda imprevisíveis, mas de qualquer forma se farão sentir."

Schubart considera elementar o princípio de que é indispensável para a Amazônia um sistema de produção próprio, que ainda não foi desenvolvido. Em termos de produção de alimentos na terra-firme, ele aponta alguns critérios básicos que devem ser observados (embora estejam sendo desrespeitados na maioria dos casos): 1 — "Utilização máxima dos recursos através do princípio da complementaridade; 2 — Reciclagem de materiais, tanto dentro da fazenda, como das cidades e para a zona rural; 3 — Aumentar o uso de energia solar via fotossíntese, e diminuir o uso de energia fóssil (petróleo). Aproveitar pequenos potenciais hidrelétricos sempre que possível".

Para satisfazer essas condições, segundo Schubart, "as fazendas do futuro deverão ser menores que as atuais, deverão ser muito diversificadas em sua produção e empregar maior quantidade de mão-de-obra". Realizar um projeto semelhante significaria modificar completamente a visão que determina atualmente a forma de ocupação da Amazônia, mas o geneticista Warwick Kerr, que até o início do ano dirigiu o INPA, não se preocupa com tal oposição: "Se a ocupação continuar sendo realizada como atualmente, levando à destruição da Amazônia, não há dúvida de que crescerá a distância entre os cientistas e o governo".

"De início descartamos, por ser ruim, a grande pecuária de corte como agente colonizador", afirma Kerr, lembrando que até o caboclo já percebeu que "onde o boi entra o homem sai". Para uma "colonização saudável", ele sugere a formação de vilas (com 300 a

600 famílias) auto-sustentáveis, como a melhor forma de fazer frente à crise do petróleo. "As novas vilas devem ser feitas tendo em vista a mudança do modelo econômico de produção em massa, em poucas e determinadas áreas, para o de produção local". Sugere também o uso das matérias-primas locais para substituir as importadas, diminuindo a dependência de produtos exógenos.

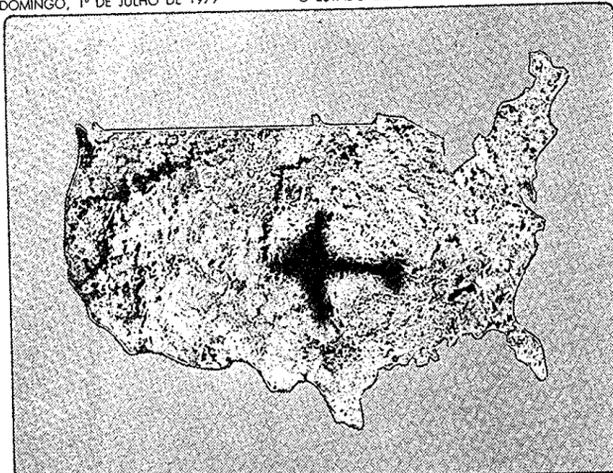
Pelo modelo do INPA, o poder público não venderia terras devolutas, limitando-se a arrendá-las, a fim de ter o controle sobre o uso do solo. Deveriam ainda, existir grandes áreas de florestas — de propriedade permanente do Estado ou da Nação — para utilização racional, com o plantio das espécies exploradas por companhias públicas ou privadas e mediante arrendamento por prazos não superiores a 10 anos, sendo examinadas anualmente para fins de cancelamento do arrendamento no caso de não se efetivar o replantio. Metade da área de uma fazenda não poderia ser desmatada, nem vendida; a não ser a pessoas e organizações que queiram manter a floresta como esteira, proibindo-se assim a sua derrubada. Para evitar o minifúndio, os lotes de terras cultiváveis não poderiam ter menos de 200 hectares. E, para estimular a preservação da mata, não incidiria qualquer imposto em terras com floresta nativa até o limite de 10 mil hectares.

Seria um projeto utópico face ao modelo atualmente em uso? "Toda idéia globalizante tem muita coisa de utópico. Com nossas pesquisas procuramos apenas estabelecer pequenos elos de toda a cadeia, desde alimentação, mantras de tratar o solo, doenças ou aproveitamento dos recursos pesqueiros. São pequenas partes apontando alternativas que podem ser integradas num sistema mais global. Para podermos direcionar essas pesquisas, precisamos de modelos, que sempre são utópicos", conclui Schubart.

A mata fechada, as árvores imensas, a cadeia ecológica desconhecida. Esse mundo estranho continua desafiando a todos. É a Amazônia ou, simplesmente, a fábrica de oxigênio

AMC 0001

Quem ouvir saberá que o desenvolvimento é possível

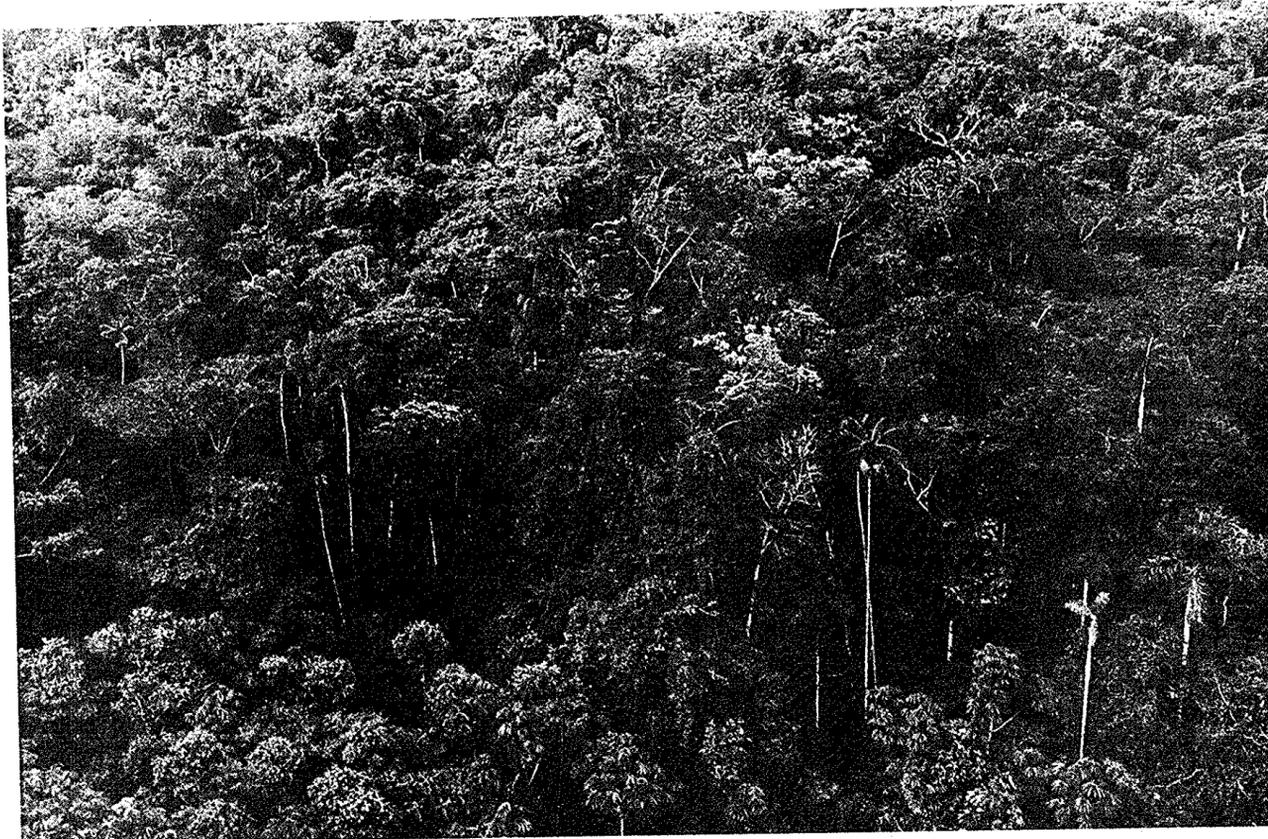


A opinião é praticamente unânime: o desenvolvimento racional da Amazônia brasileira é possível. Onze cientistas norte-americanos, todos com grau de doutorado e especialistas em problemas amazônicos ouvidos especialmente pelo "Estado", também concordam que o problema não é tanto se o aproveitamento racional das riquezas amazônicas é possível, mas como se processará o desenvolvimento da região. E concordam também que o nível atual de conhecimento sobre a inter-relação dos sistemas biológicos da região é insuficiente para que seja possível responder agora a essa segunda pergunta.

Sua recomendação, com uma exceção, é que nada seja feito até que programas em andamento administrados pelo Inpa, e nos quais colaboram cientistas de diversos países, possam chegar a algumas conclusões sobre o crucial como do desenvolvimento amazônico.

A exceção é representada pelo jovem dr. William Heyer, especialista em Herpetologia — o nome grego do anfíbios e répteis — da Instituição Smithsonian. O dr. Heyer estuda rãs e sapos da Amazônia, e como os demais cientistas entrevistados, colabora de perto com cientistas brasileiros. "Rãs são animais pouco conhecidos" diz Heyer, "e a floresta amazônica abriga a mais rica fauna de rãs de todo o mundo. Há muito que aprender sobre esses animais", continua, "muitas novas espécies a serem descobertas pela ciência. Pessoalmente, meu desejo é saber o mais possível sobre essa fauna — e o melhor jeito para isso, naturalmente é manter a floresta amazônica intacta".

Nove dos cientistas especializados em questões amazônicas trabalham para a Instituição Smithsonian de Washington. Eles são acadêmicos de renome, dedicados à pura pesquisa científica e sem compromissos outros que não seja com o conhecimento humano. Idealmente, todos desejam que a floresta seja deixada como está, inviolada por qualquer coisa. Eles sabem, porém, que esse sonho acadêmico entra em conflito com a realidade política e geográfica do Brasil, e nem chegam a propor, com a exceção do dr. Heyer, que a Amazônia, seja deixada em seu esplendor nativo. Mas pedem tempo.



Como explorar o potencial da Amazônia? A dúvida não é só de brasileiros. Cientistas de todo o mundo buscam a melhor fórmula de retirar da floresta todos os segredos que ela ainda oculta

Uma fonte de segredos inesgotáveis e desconhecidos

"Cientistas são realistas", diz o dr. Clifford Evans, antropólogo e secretário da Associação de Biologia Tropical, cuja última reunião deveria ter sido realizada em Manaus mas foi transferida para a Venezuela, vetada pelo Conselho de Segurança Nacional. "O mundo não pára", acrescenta Evans. "Quando visitel a Amazônia pela primeira vez, em 1948, eu sabia que ela mudaria. O Getúlio estava abrindo campos, hospitais, escolas. Era evidente que ia mudar. Infelizmente, os ecologistas não são consultados quando alguém decide construir uma estrada. Nos Estados Unidos, por lei, qualquer projeto de construção financiado no todo ou em parte com verbas federais tem de passar pelo crivo do Programa de Impacto Ecológico, para que se tenha certeza de que esses projetos não colocam em risco espécies consideradas em perigo de extinção. Isso, contudo, não ocorre em muitos países. Por isso, é muito importante acelerar os programas de pesquisa científica da Amazônia para estabelecer os parâmetros dentro dos quais seja possível a exploração econômica racional da região sem que essa exploração implique destruição da riqueza biológica e, eventualmente, a própria extinção dos recursos econômicos".

No ano passado, um projeto de construção de uma represa que daria empregos a centenas de norte-americanos durante muitos anos foi abandonado porque sua execução colocaria em perigo a sobrevivência de um pequeno peixe, o "snail darter", cuja espécie está ameaçada de extinção. Na Amazônia, o bem-estar das rãs, por exemplo, não poderia se tornar um obstáculo à execução de projetos que beneficiariam o homem?

O dr. Heyer salta em defesa dos batráquios: "Mas nós não sabemos ainda qual é a importância das rãs. Elas podem ser a chave de um processo crítico. Elas podem, por exemplo, ser essenciais para a manutenção do ciclo de nutrientes. As rãs se alimentam de fungos e os decompõem, permitindo que reentrem o ciclo dos nutrientes. Em ciência, a perda de uma informação tem consequência da extinção de uma espécie biológica é final, irreversível, total. Não há segunda oportunidade."

A solução está lá mesmo, dentro da imensa selva brasileira

O dr. Terry Lee Erwin, cujo interesse são insetos, besouros principalmente, acrescenta que em Biologia, como em outros campos, tamanho também não é documento. "Veja os besouros, por exemplo",

diz ele. "Há mais espécies de besouros no mundo do que qualquer outra coisa. Estou falando de espécies", ressalta, "não de indivíduos. E veja a diversidade de coisas que eles fazem: há besouros herbívoros — que são a maioria — há besouros necrófagos e besouros predadores. Eles se alimentam de árvores, de outros besouros e de insetos. Sua importância no ecossistema é enorme. Uma árvore na Amazônia abriga 200 ou 300 espécies de broca apenas, que se alimentam dela. As árvores aprenderam a conviver com a broca. Aí chega o homem, implanta uma monocultura, as espécies de broca explodem, o homem lança inseticidas, rapidamente a broca desenvolve resistência ao veneno e pronto: acabou-se o balanço ecológico".

"A Amazônia", diz Erwin, "ainda mantém seu balanço natural. E é tão frágil que ele seja mantido, se desejarmos evitar o caos. Para ficarmos só com a broca, vamos lembrar que ela serve de alimento para aranhas, sapos, pássaros e peixes".

O dr. Stanley Weitzman, especialista em peixes: "O peixe amazônico, que representa um dos principais potenciais para a exploração econômica da região, alimenta-se principalmente de insetos que caem na água. A Amazônia tem relativamente poucos peixes herbívoros. Cinquenta e um por cento dos peixes da Amazônia, por exemplo, têm nas formigas sua grande fonte de proteína".

Erwin: "As formigas representam o mais importante organismo tropical, porque controlam a evolução de uma miríade de grupos. Se a floresta desaparecer, as formigas também desaparecerão".

Weitzman: "E com elas, os peixes." Erwin: "Além disso, os insetos são verdadeiros lixeiros que mantêm o mundo limpo. E são extremamente eficientes na transformação de proteínas vegetal em proteína animal."

É preciso um pouco de tempo para saber tudo o que ela pode dar

Heyer: "A introdução de monocultura também pode ameaçar o balanço. Árvores cujas sementes estão sujeitas a ataques de insetos predadores posicionam-se na floresta bem distantes uma das outras. Pior que isso, são a devastação pura e simples".

Dr. Thomas Soderstrom, especialista em gramíneas e bambus: "Ou as duas coisas juntas. Perto de Alegre, no Espírito Santo, eu encontrei espécimes preciosos de gramíneas e bambus. Mas a 20 ou 25 quilômetros dali, onde as árvores haviam sido devastadas por volta de 1925, o solo era duro e seco, desértico, e a única coisa que crescia era uma grama importada da África que aniquila qualquer concorrência".

Weitzman: "Isso acontece também com a fauna. Em vez de desenvolver e explorar recursos autóctones, o homem introduz espécies alienígenas que respondem a um código evolucionário diverso. Por que, por exemplo, introduzir a tilápia africana nas águas tropicais da América Latina? A tilá-

pia não é muito boa para comer e está alterando pesadamente o meio ambiente, devorando vorazmente peixes menores e ameaçando a sobrevivência dos delicados tucunarés, dourados e outros. Até onde isso irá é impossível saber, mas a presença da tilápia está causando alterações — e na Natureza não se muda nada impunemente".

"Agora", prossegue Weitzman, "o homem introduziu no rio Orenoco, na Amazônia venezuelana, um outro peixe chamado petúnia que é um predador extraordinário, que não é bom alimento e que está dizimando as outras populações do Orenoco. Daqui a 10 anos só haverá petúnia no Orenoco. Na bacia do Amazonas há três tipos de águas, cuja composição química varia. A petúnia só sobrevive nas águas mais ácidas, e isso pode salvar a fauna aquática da bacia. Mas se a petúnia conseguir adaptar-se às águas mais ácidas, dentro de 20 ou 40 anos essa espécie poderá ter eliminado as demais em toda a região".

Dr. Betty Meggers, ecóloga, antropóloga e autora de "Amazônia, a Ilusão de um Paraíso": "É incrível essa mania de importar espécies da flora e da fauna, em vez de aproveitar espécies autóctones. É incrível também a mania de importar métodos e processos desenvolvidos em outros climas. Os trópicos têm suas próprias estruturas, seus próprios sistemas em todos os campos — e é isso que precisa ser desenvolvido. Engenheiros norte-americanos trabalhando na estação chuvosa há secas, e há inundações que destroem áreas inteiras do País. Se isso é ou não acidente fortuito, nós não sabemos. Mas é possível defender a tese de que essas coisas estranhas estão acontecendo porque continuamos poluindo e alterando a natureza com efeitos agora já visíveis. Há quem diga que já passamos o ponto a partir do qual não há mais retorno. Mas ainda somos ignorantes demais para saber exatamente o que está acontecendo. Ainda não compreendemos a inter-relação do ecossistema".

Mas ninguém consegue esquecer os tesouros da Amazônia

Evans: "O problema é que o importador da tilápia está ganhando dinheiro. É preciso encontrar um incentivo econômico para fazer o homem respeitar a natureza".

Meggers: "Mas já há um incentivo, digamos, negativo. Veja o que aconteceu no Brasil nos últimos dois anos. O que aconteceu com aquele clima espetacular? Houve uma nevasca como não havia há 50 anos. Na estação chuvosa há secas, e há inundações que destroem áreas inteiras do País. Se isso é ou não acidente fortuito, nós não sabemos. Mas é possível defender a tese de que essas coisas estranhas estão acontecendo porque continuamos poluindo e alterando a natureza com efeitos agora já visíveis. Há quem diga que já passamos o ponto a partir do qual não há mais retorno. Mas ainda somos ignorantes demais para saber exatamente o que está acontecendo. Ainda não compreendemos a inter-relação do ecossistema".

"Nos Estados Unidos", continua Meggers, "fizemos a mesma coisa, destruindo recursos naturais. Veja o que fizemos no meio-ocidente até a década de 30. E nos arrependemos amargamente. Será esse o destino do Brasil, o de se transformar num deserto vermelho? Quem se beneficiará então do dito potencial econômico da Amazônia?"

Soderstrom: "A Índia já foi um subcontinente coberto por florestas luxuriantes. Hoje só restam montanhas e planícies quase sem qualquer vegetação".

Já se passou do ponto ou ainda há chances de voltar?

No fundo, no fundo, os cientistas da Instituição Smithsonian gostariam que a Amazônia fosse deixada em seu estado nativo. As alternativas que timidamente sugerem para a ocupação e exploração econômica da região são a exploração dos recursos autóctones, sem a introdução de espécies alienígenas. O bambu nativo, diz Soderstrom, é mais produtivo para a produção de papel do que o pinho e a grêmilina. A piscicultura, segundo o casal Weitzman, oferece a maior perspectiva de lucro rápido se espécies estranhas não dizimarem a fauna local e desde que não haja desmatamento ao longo dos rios, açudes e eilgarapés, para garantir a manutenção do ciclo de nutrientes, e supondo-se naturalmente que as indústrias não poluam as águas.

Betty Meggers sugere o exemplo da Colômbia, cujo governo, diz, está estudando a possibilidade de desenvolver o turismo na sua porção da Amazônia a partir do século XXI.

Todos condenam a construção da Rodovia Transamazônica, e Evans diz que o dinheiro gasto até agora na sua construção poderia ter sido aplicado com mais êxito num projeto de irrigação das terras áridas do Nordeste. O transporte na região, segundo os cientistas, poderia ser feito mais eficientemente por via aquática e com a ampliação da rede de campos de pouso. É também unânime a crítica ao projeto de ocupação por meio da atração de migrantes. Os cientistas acreditam que as características da região se prestam, sob medida, à implantação de cooperativas agrícolas — mas não pecuárias, por causa do desmatamento que implicam — e acreditam que dev haver uma forma racional de explorar recursos, como o cacau e o manganês, sem destruir o equilíbrio ecológico.

No fundo, eles gostariam mesmo que o homem esquecesse a Amazônia e seus tesouros, e chegam a ressuscitar a idéia lançada por um político brasileiro há alguns anos — "Se o oxigênio produzido pela floresta Amazônica é tão importante para o mundo, o mundo que pague por ele" — como fórmula para salvar a floresta. Como isso não parece viável, pedem então tempo para estudar e compreender as inter-relações do ecossistema antes que seja al-

cançado o ponto inextinguível a partir do qual é impossível voltar atrás.

Nas águas do Amazonas, a ilusão de que o que vem de fora é melhor

Mais tempo para estudar a Amazônia é também o que pedem os drs. Tom Lovejoy e Bob Bierregaard, do World Wildlife Fund, que em colaboração com o Inpa estão iniciando o mais ambicioso projeto de coleta de dados ecológicos jamais empreendido, para tentar determinar como a região pode ser ocupada e explorada sem que seus recursos sejam extintos.

"É certo que se eu fosse o governo do Brasil", diz Lovejoy, "e meu país fizesse fronteira com todos os demais países da América do Sul, com exceção de dois, estaria muito preocupado em não permitir que a vasta extensão territorial da Amazônia continuasse desabitada. No entanto", continua, "o desenvolvimento racional da floresta amazônica é um dos problemas técnicos mais complicados que o homem contempla neste momento da História".

Lovejoy e Bierregaard acreditam que é possível ocupar e explorar a Amazônia brasileira, mas ressaltam que as maiores riquezas da região são biológicas, e que os estudos necessitam de tempo para determinar o relacionamento das espécies antes que grande parte delas seja extinta pela ocupação mal dirigida. "Há boa possibilidade de extrair reservas minerais, principalmente bauxita e ferro", afirma Lovejoy, "e alguns dos tributários do rio Amazonas têm potencial hidrelétrico aproveitável. Recursos naturais passíveis de exploração econômica", prossegue, "são modestamente variados. Temos as colheitas das árvores: castanhas, frutas, cacau, borracha, celulose. É possível explorar racionalmente também os recursos madeireiros, mas não com o corte indiscriminado. Madeiras caras como o pau-rosa e mesmo outras como o pinho podem ser cultivadas desde que isso não implique o desmatamento a esmo e a destruição de espécies biológicas.

As plantas vão convivendo com os insetos. Aí, chega o homem...

Tom Lovejoy defende também o fortalecimento do IBDF como instituição, a proteção efetiva da vegetação nas margens das vias aquáticas e a criação de corredores na floresta para a locomoção pela região. Bierregaard fala da necessidade de alterar a legislação a fim de o espírito da lei que proibe o desmatamento de 50 por cento dos projetos no Distrito Agropecuário seja mantido. "Hoje", diz ele, "alguns empresários iniciam seus projetos de desenvolvimento e mantêm metade da mata intacta. Mas então eles vendem parte do projeto,

digamos, para um irmão, e este tem então o direito de desmatar mais metade da terra. Este irmão pode então vender parte de seu projeto, digamos, para um sobrinho — e assim a coisa vai".

Os cientistas do World Wildlife Fund referem-se também a pesquisas feitas em florestas tropicais de Porto Rico pelo norte-americano Frank Wadsworth. Este cientista selecionou em Porto Rico árvores passíveis de exploração econômica e facilitou seu desenvolvimento por meio da remoção de outras espécies, obtendo áreas de floresta ecologicamente muito mais simples. Lovejoy sugere que a Amazônia pode aprender muito com as experiências de Wadsworth, mas os cientistas da Instituição Smithsonian condenam unanimemente a sugestão, afirmando que nenhuma solução importada pode funcionar sem colocar em grave risco o balanço ecológico.

Lovejoy — que também é contra a abertura da Transamazônica e contra a implantação de projetos pecuários, "com a exceção da criação do búfalo" — acredita que o que parece ser a nova tendência do governo brasileiro, de dar preferência à implantação de grandes projetos na região à vista do malogro do programa de fixação à terra do pequeno agricultor, terá vantagens porque será mais fácil de administrar. Sua opinião, contudo, é contestada pelos cientistas da Instituição Smithsonian, que favorecem esforços cooperativistas na área, e pelo economista Robert Skillings, o diretor da seção brasileira do Banco Mundial e estudioso da Amazônia.

Skillings cre que o malogro do projeto inicial de colonização da Amazônia deve ser creditado principalmente à tentativa de fixação de agricultores sem tradição de cultivar na Amazônia. "Em Roraima", diz Skillings, "onde o Banco Mundial financia projetos agrários na região de Altamira, e onde a migração se faz espontaneamente, a população experimentou um crescimento de 100 mil habitantes em 1970 para 600 mil atualmente — e todos estão-se saindo bem".

O primeiro passo é consultar quem entende: os ecologistas

Que um país como os Estados Unidos, cuja economia movimentada dois trilhões e meio de dólares, se compadeça das espécies biológicas em risco de extinção e tente preservá-las, é bastante compreensível. Como, porém, esperar que o Brasil — cuja dívida externa atinge dezenas de bilhões de dólares, e cujas possibilidades de se transformar em curto prazo numa grande potência industrial dependem da rápida industrialização e da conquista de novos mercados externos — prescindia da exploração das riquezas da Amazônia, enquanto países hoje industrializados apoiaram-se em parte justamente na destruição do meio ambiente para atingir as posições que hoje ocupam?

Tom Lovejoy: "Mas as riquezas biológicas, ou recursos biológicos, são muito mais preciosos do que se possa imaginar à primeira vista. Não sabemos, ainda, até que ponto, digamos, as rãs contribuem para o desenvolvimento dessas riquezas. Mas elas certamente terão seu papel. E por isso que pedimos tempo, tempo para compreender essas inter-relações infinitamente complexas".

"A Amazônia", prossegue, "abriga 10, talvez 20 por cento, de todas as espécies biológicas. Esses recursos naturais são os únicos de fato não renováveis. Uma vez extinta, é impossível recriar uma espécie. Ninguém sabe o potencial que a Amazônia guarda, por exemplo, para a farmacopéia, ou que espécies ainda desconhecidas podem revolucionar a agricultura".

"No ano passado, por exemplo", continua Lovejoy, "um botânico da Universidade de Wisconsin encontrou uma nova espécie de planta numa floresta mexicana. Era uma planta particularmente excepcional — mas definitivamente não do tipo que um pragmático homem de negócios julgasse essencial ser preservada, especialmente se isso implicasse a alteração de um projeto de desenvolvimento. Pois bem. Essa planta, completamente nova para a ciência, terá implicações enormes para o bem-estar da humanidade no futuro. Ela é nada mais, nada menos, do que uma nova espécie de milho — batizada de Zea diploperennis — cuja principal característica é a de ser perene, em contraste com o milho sazonal sobre o qual está baseada boa parte da agricultura mundial. Já conhecíamos uma espécie de milho perene", diz Lovejoy, "mas esta espécie apresenta o mesmo número de cromossomos do milho sazonal — coisa que não acontecia com a espécie descoberta anteriormente. Isso quer dizer que será eventualmente possível cruzar o milho perene com o sazonal. A promessa para a agricultura é evidente: os fazendeiros não terão de arar a terra todos os anos para produzir milho, economizando trabalho e energia. Resultado: o alimento custará mais barato. Mesmo para os leigos a importância da descoberta é suficientemente clara para ter merecido reportagem na primeira página do "New York Times".

"Dada a indescritível riqueza biológica da Amazônia", conclui Lovejoy, "só o tempo nos revelará as incríveis riquezas biológicas que hoje estão seladas no seio da floresta".

R.P.B.